



Faixa 14

O Renascimento Humanista



04 min 43 s

O período do Renascimento Humanista marca a separação entre a história da Idade Média e a da Idade Moderna. Melhor dizendo, é o despoletar de toda a evolução e desenvolvimento dos séculos seguintes na cultura, arte, ciência, técnica e sociedade.

Originário supostamente de Itália e dos Países Baixos, este movimento abrange um período histórico, um século, talvez 1480-1580, mas constitui um motor imparável, que se alargou a toda a Europa. A mudança mental, o apego “doentio” à cultura clássica e a supervalorização do Homem, como fonte de energias criadoras em contraste com o anquilosamento humano, sofrido na Idade Média em favor da hegemonia divina, são os três fulcros essenciais sobre que vai girar o Humanismo de quatrocentos e quinhentos.

No âmbito religioso, as novas ideias sobre Homem e Deus movimentam a Reforma Luterana e põem em causa valores, antes considerados intocáveis, como a infalibilidade papal, o seu poder divino ilimitado na Terra e a ciência bíblica.

Politicamente, surgem cisões dos reis e príncipes contra o poder papal, a concentração de poderes ilimitados nas mãos dos governantes, o aparecimento da burguesia como nova força social e política, o conceito de nação em oposição ao de Estado feudal, a queda do Império Bizantino e a supremacia dos Turcos, a procura de mercados importantes, desconhecidos na Europa, através das viagens marítimas (Descobrimientos), contrabalançando o comércio dos centros mediterrânicos de Veneza, Génova, Barcelona, com os das cidades atlânticas – Lisboa, Londres, Amsterdão, Sevilha.

A nova economia, centrada no comércio e nas cidades, faz regredir o mundo rural; a circulação monetária e o consumismo fácil absorvem o ideário burguês, lançando-o no lucro desregrado.

Na Arte, o desenvolvimento estende-se aos grandes pintores e escultores; na Cultura, a influência greco-latina abarca os domínios da construção e das humanidades; na Ciência, a teoria heliocêntrica suprime de vez o geocentrismo e desenvolve a Astronomia. O pensamento humano é considerado uma fonte inesgotável e vai eliminando sucessivamente as barreiras e os entraves com que a Idade Média, sob a égide divina, o havia amarrado.

A sociedade, apesar de assente agora em conceitos diferentes e novos, mantém ainda a sua estrutura de classes, modificando contudo o equilíbrio e as funções das mesmas. A nobreza passa da posse da terra, antes rentável e agora em dificuldades, para as benesses dos cargos públicos, benefícios e prebendas régias: vai para as cidades, abandona as casas de campo, constrói palácios e interessa-se pela cultura. A burguesia, nova classe, adquire os seus proventos da atividade mercantil, baseada na moeda, no lucro e na acumulação dos bens. As classes baixas veem surgir mais uma, a dos assalariados, sujeitos a pressões de toda a ordem e à escravidão da procura e da oferta. Os camponeses conservam a sua vida dura rural, continuando sem grandes horizontes. Os servos superabundam agora com a vinda de mão de obra barata das Índias, África e Brasil.

É pois o Humanismo Renascentista que origina todas estas mudanças – ideológicas, artísticas, científicas, sociais e religiosas, tendo como máximas o Homem, a vida, o saber, a razão, a experiência –, identificando-se com os ideais greco-romanos: a cultura racional e crítica em oposição ao culto da autoridade e da teologia. Estabelece-se assim uma nova relação entre o Mundo, o



Homem e Deus. A Idade Média teocêntrica ofereceu um Deus todo-poderoso, justiceiro, distante; um Homem, desprezível e autómato num “vale de lágrimas”; uma Igreja, dona suprema e implacável, para cumprir os desígnios divinos. A nova era renascentista modifica as estruturas: torna
45 Deus acessível e amigo da Sua criação; o Homem, mais real e senhor dos seus valores; a Igreja intermediária entre Deus e o Mundo, incarnada e mais humana. A vida, e não o medo da morte, é então o motor do Homem: o “Homem está no centro de tudo o que acontece”.

MACÊDO, José Oliveira, 2002. *Sob o signo do Império*. Porto: ASA (pp. 18-19)

